

MAFFESOLI, Michel. *A parte do diabo*. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2004.

Julio Cesar Jeha

Universidade Federal de Minas Gerais

A tradução de *La Part du diable* (Flammarion, 2002) traz para o leitor brasileiro o trabalho de Michel Maffesoli sobre o mal na cultura contemporânea. Maffesoli é sociólogo, co-fundador do Centre d'études sur l'actuel et le quotidien (Sorbonne/Paris V), e vice-presidente do Institut International de Sociologie.

Grosso modo, filósofos e teólogos discutem o problema do mal, que se resume a esta pergunta: se Deus é bom e onipotente, então como pode permitir o mal? Ao contrário deles, os sociólogos buscam explicar os processos pelos quais o mal se faz presente nas sociedades. Maffesoli se concentra em fenômenos contemporâneos como as *raves* e os pegadas de carro, que seriam os sintomas mais aparentes da violência urbana, cada vez mais forte e incontrolável.

Maffesoli dividiu *A parte do diabo* em prólogo mais cinco capítulos. Na parte inicial, apresenta o tema do livro: confunde-se fazer o bem com extinguir o mal e disso resultam os piores crimes. É preciso, diz o autor, aceitar a complexidade da natureza, o relativismo cultural e o tribalismo emocional. Em vez de tentar acabar com o mal, deve-se acolhê-lo como parte integrante do mundo. Os demais capítulos desenvolvem essas idéias, sempre associando a exclusão do bem com um suposto espírito prometéico, característico da modernidade, que agora estaria dando lugar ao dionisíaco, típico da pós-modernidade.

No capítulo intitulado “Pequena epistemologia do mal”, Maffesoli trata do espírito animal e da energia dos sentimentos. Segundo ele, não há como negar que o mal nos persegue sob diferentes formas: “agressividade,

violência, sofrimento, disfunção [e] pecado” (p. 27). No entanto, a cultura ocidental se recusa a aceitá-lo como parte da natureza humana, como a sombra junguiana, e tenta eliminá-lo, o que serve apenas para fazê-lo retornar com maior ímpeto, com conseqüências cada vez mais danosas. Melhor seria tomá-lo como “também” um elemento do mundo. Para tanto, faz-se necessária uma metodologia, ou melhor, uma epistemologia que enfatize “o paroxismo, a caricatura, a *forma* como capacidade de pôr em palavras o que é vivido” (p. 28). Tal abordagem permitiria analisar o conflito entre vida e morte, entre nossos afetos e nossa razão; permitiria, enfim, encarar “a volta do mal [à] ordem do dia”, aproximando-nos de um “*espírito natural*” (p. 29). Esse espírito é uma tensão que sempre se renova, sem jamais se resolver “numa síntese ou em outras formas de uniformidade ou universalismo” (p. 31-32). Afas-tamo-nos, assim, do Iluminismo e do primado da cientificidade, em direção ao pós-modernismo e sua predileção por uma “*sabedoria demoníaca*” (p. 32), mais vivida que pensada; relativista, sincrética, holística, alternativa; em suma, um movimento rumo à *New Age*.

A cultura pós-moderna, diz Maffesoli, nega a transcendência – a condição essencial ao Deus cristão

– em favor da imanência, considerando ambos o mal e o divino como parte da natureza humana. No hiato da modernidade, nossa parte animal teria sido reprimida, apenas para retornar agora com mais vigor, evidenciada pelo culto ao corpo e à sua transformação. Em oposição à energia visando a dominar, baseada no conhecimento, característica do projeto iluminista e modernista, na pós-modernidade, teríamos uma libido visando a sentir, animada pelos sentidos, pelo prazer relativo ao presente e ao local. Melhor dizendo, no pós-modernismo a “transcendência se imanentiza” (p. 49). Ora, essa característica, somada ao paradoxo, ao jogo dos contrários, aponta para o ressurgimento do barroco como estilo de arte e de vida, no qual prevalece um holismo fundamental, arcaico e tradicional.

O conflito estrutural, título do segundo capítulo, se refere à existência do bem e do mal no mundo, um binarismo onipresente que se traduz em amor-ódio, atração-repulsão, generosidade-egoísmo, ou ainda, apolíneo-dionisíaco (p. 62). Esse dualismo incontornável traz à luz o outro, o estrangeiro, o recalcado, o negado. Com isso, rui o “*totalitarismo ontológico*”, isto é, Deus, Ser, perfeição, que, a bem da verdade, nunca teria conseguido se sustentar por muito tempo (p. 63).

O corte, a separação entre luz e trevas, proveniente de uma libido da cisão, e um ato fundador da cultura ocidental, é um artifício intelectual, ao passo que a coincidência dos opostos é integradora, animada pela libido do sentir. Porém, integrar não é fazer um clone de si: aceitar o estrangeiro é “admitir que sua diferença tenha um efeito sobre a sociedade, que a alteridade perdure” (p. 65). E a alteridade máxima se apresenta sob a forma da morte, o contrário da vida, seu limite que lhe dá existência. Assim, se a vida é plenitude, a morte é vazio, mistério tremendo e sublime, cuja força nos atrai.

Paralela à atração do vazio está a força do mal, que tampouco se pode refutar. Origina-se daí, como nos lembra Maffesoli, o problema com que se deparam inúmeras religiões e sistemas filosóficos: como explicar a existência do mal num universo criado por uma divindade benevolente e todopoderosa? “Eis então o escândalo essencial, aquilo que explica a denegação ou o recalque da realidade do mal” (p. 77). Reconhecê-lo implicaria enfraquecer a deidade e suas hipóstases, quer sejam elas o Estado, as Igrejas, ou as instituições sociais. Daí a necessidade de se trazer à cena um subalterno, responsável por esse estado de coisas.

No cristianismo, esse papel de sujeito dependente coube a

Satã, entidade alheia às religiões gregas e romanas, manifestações politeístas que acolhiam todas as divindades em seus panteões, mesmo as estrangeiras e as ainda desconhecidas. Satã foi exilado para as profundezas, onde uma escuridão visível, no dizer de Milton, oculta sua culpa pelo mal no mundo. Reconhecer sua existência, portanto, é falar de nós mesmos, desse nosso lado renegado, e assim, “*reconciliar-se com a alteridade*” (p. 82). Trata-se, na pós-modernidade, não de confessar o lado oculto e extirpá-lo, freudianamente, mas de aceitá-lo, à maneira de Jung, como parte integral da comunidade em que vivemos. Ao torná-lo comum e incorporá-lo a rituais, nós o suportamos mais facilmente.

Os três capítulos finais, “Variações sobre a sombra”, “Inteira do ser” e “Transmutação do mal”, tornam mais explícita a opção de Maffesoli por Jung. Em “Variações ...”, o autor continua a celebrar a “duplicidade antropológica” como um “modo operatório de sobrevivência” (p. 93) no mundo contemporâneo. Para ele, devemos abandonar a História, o Indivíduo e o Iluminismo, por serem parte do projeto judaico-cristão, que transformou o bem e o mal em valores absolutos e racionais, com as desastrosas conseqüências da Modernidade. Devemos adotar a

composição, a pessoa e a *New Age*, traduzidas pelo sincretismo religioso, que, ao enfatizar o relativo, considera o bem e o mal entidades fraternas, convivendo numa tensão dinâmica.

A inteireza do ser, proposta por Maffesoli no quarto capítulo, implica aceitar o indivíduo como um ser fragmentado, pleno de inquietude, dilacerado por um conflito interno. Essa tensão entre o eu e o outro dentro de mim (o *daimon* platônico) mantém as culturas vivas, criativas e sempre em mutação. De maneira similar, o homem moderno colide com a sabedoria popular; aquele se guiando por uma moral excludente e esta, por uma ética abrangente. O pós-modernismo, segundo o sociólogo francês, tende para uma “rearcização”, um “reencantamento” do mundo, num movimento de “holismo tribal” (p. 121-123). Nessa perspectiva, a morte aparece como um duplo da vida, tal como reconhece o pós-modernismo e como o modernismo teria rejeitado. Para este, a morte é desprovida de lógica, portanto, deve ser superada; para aquele, ela faz parte da economia geral do dia-a-dia, “que permite viver o excesso, o mal, a desordem” (p. 130). Aceitar isso é restaurar o equilíbrio natural.

O livro termina com “Transmutação do mal”, no qual o autor

reitera sua proposta de integrarmos o mal à vida, aceitando-o como parte indissolúvel da nossa realidade. Essa fusão levaria ao êxtase, experimentado tanto pelos religiosos quanto pelos jovens participantes das *raves* ao descobrirem o vazio do ser. Aparece aqui o arquétipo do continente: em vez do *logos*, pleno de significado, o *loco*, o mundo como um vazio, propício ao crescimento do ser (p. 176). É a essa “cripta social” que nos voltamos em busca de energia criadora. Tornar-se consciente desse fato e aceitá-lo equivale a adotar a “sabedoria da noite”, o saber do matriarcado, inclusivo, solidário, indulgente, em vez da razão patriarcal, julgadora, discriminatória e excludente. Para Maffesoli, a sociedade pós-moderna está efetuando essa transmutação, substituindo Prometeu por Dionísio, permitindo que a flor se reconheça no mal de onde saiu (p. 187).

Maffesoli faz de *A parte do Diabo* um manifesto da *New Age*, a favor da inclusão de tudo e todos, como se fossem um dado da realidade. Vai contra a modernidade e o que ela representa, por tentar impor, segundo ele, o totalitarismo da ontologia, isto é, do Ser absoluto, em detrimento do relativismo da ontogênese, instaurado pelo pós-modernismo. Ao fazer isso, o autor adere à tribo dos anti-racionalistas,

denunciando a razão e o Iluminismo como culpados das mazelas que acometeram a humanidade nos últimos séculos. Tal acusação não pode ser feita sem alguns reparos.

Ainda que o sociólogo francês tente se precaver de críticas ao seu método, reconhecendo os paradoxos que apresenta, seu *mea culpa* não explica nem redime as várias contradições encontradas no livro. De início, ele acusa a modernidade e o Ocidente de serem totalitários e excludentes, de erigirem um altar ao Eu e banirem o Outro, numa estratégia binária. No entanto, é exatamente essa a tática adotada por Maffesoli ao correr do livro: joga Dionísio contra Prometeu, Jung contra Freud, modernidade contra pós-modernidade, razão contra emoção; enfim, comete o binarismo que ele aponta como a raiz de todos os males. E mais: ele dirige seu livro “aos espíritos esclarecidos” (p. 27), isto é, àqueles poucos iluminados capazes de entender que bem e mal fazem parte do mundo e da vida.

Coerente em sua contradição, Maffesoli defende a teoria pendular da história, adotada por, entre outros, Léguas e Cazamian em sua *História da Literatura Inglesa*, há muito desacreditada pelos fatos. Segundo o autor francês, tudo o que vai volta. Em sucessão ao modernismo teremos de novo o

barroco, transfigurado em pós-modernismo e sua aceitação do mal como um dado mundano. Isso seria comprovado pela anomia flagrante na Europa, com os jovens abstenendo-se de votar e vaiando os símbolos nacionais. A juventude, segundo ele, estaria se reunindo em *raves* para ouvir música *techno*, de ritmo marcado e tocada em alto volume, para celebrar o coletivo e retornar ao arcaico, à natureza, ao animal dentro do humano. Propor que isso caracterize uma suposta pós-modernidade é jogar no lixo os anos 60, com os concertos de Woodstock e Altamont, os Rolling Stones e Janis Joplin, o movimento hippie, as demonstrações contra a Guerra do Vietnam, a luta pelos direitos civis.

Apontar o dedo para a tradição judaico-cristã e incriminá-la por tentar separar o mal do bem, como se ambos fossem incompatíveis, é escamotear parte da história. Em Isaías 45:7, por exemplo, o profeta descreve o plano de Deus: “Eu formo a luz e crio as trevas; eu faço a paz e crio o mal; eu, o Senhor, faço todas essas coisas”. Ainda que teólogos e filósofos venham, há milênios, tentando explicar a coexistência de uma divindade benevolente e o mal num mesmo universo, eles jamais tiveram sucesso. Essa separação faz parte de várias religiões, não apenas do cristianis-

mo. Veja-se, por exemplo, a atitude dos terroristas muçulmanos, repetida em carta após o ataque de 11 de março em Madri: “Vocês adoram a vida; nós desejamos a morte”. Tal oposição entre Eu e Outro, nacional e estrangeiro, bem e mal, vai além de uma divisão geopolítica entre Ocidente e Oriente: ela fundamenta o aspecto mais primitivo da natureza humana.

A parte do diabo, que traz na capa o subtítulo “Resumo da subversão pós-moderna”, é um livro com validade vencida, que enterra

umas poucas boas idéias nos escombros de um pensamento ultrapassado. Melhor teria feito a Editora Record se houvesse traduzido o recém-publicado *Les temps hypermodernes*, do também francês Gilles Lipovetsky, que denuncia a falácia do pós-moderno, arrependido de ter ajudado a popularizar a noção de que tal período tivesse existido. Resta ao leitor brasileiro aguardar sua tradução e verificar como suas idéias se comportam no teste inexorável do tempo.